

ANÁLISE DE CONJUNTURA: CONCEITOS E APLICAÇÕES

Adriano Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

✉ adrianopolitica@uol.com.br

Resumo: *O que é Análise de Conjuntura? Este artigo tem o objetivo principal de responder a essa indagação. No decorrer do artigo mostram-se exercícios hipotéticos de Análise de Conjuntura e apresentam-se métodos para a construção de cenários. O artigo conclui que a Análise de Conjuntura é uma atividade do cientista político em virtude de que ela busca, num dado instante no tempo, compreender e prognosticar o comportamento dos atores em variadas arenas, dentre elas, as arenas institucional e eleitoral.*

Palavras-chave: *Neoinstitucionalismo; análise de conjuntura; cenários*

Abstract: *What is Analysis Survey? This article mainly aims to answer this question. During the exercise article are shown hypothetical situation analysis and present methods for building scenarios. The article concludes that the Analysis Survey is an activity of a political scientist because she seeks, at a given moment in time, understand and predict the behavior of actors in different arenas, among them, the institutional and electoral arenas.*

Keywords: *Newinstitutionalism, Analysis Survey, Scenarios*

Introdução

A Análise de Conjuntura não faz parte da ampla agenda de temas da Ciência Política brasileira.¹ A exceção é Cruz (2000), que busca conceituá-la por meio de revisão de variadas obras clássicas. Desse modo, contribui para mostrar a sua importância como instrumento da Ciência Política.

A Análise de Conjuntura não relega a teoria e as técnicas de metodologias apropriadas, e no seu exercício não existe a dicotomia entre teoria e empiria.² A teoria e a metodologia contribuem para o desenvolvimento

¹ Martins e Lessa (2010) apresentam o estado da arte da Ciência Política brasileira. Nesse estado a Análise de Conjuntura não se apresenta. King, Schlozman e Norman (2009) mostram, por meio de variados autores, as perspectivas da Ciência Política em variados países. Nenhum dos autores presentes na obra aborda a temática Análise de Conjuntura.

² Segundo Gusmão (2012), existe a ciência conteudística, a qual busca fatos dados empíricos para sua análise. Com isso, é possível interpretar de modo satisfatório a realidade. Da interpretação, surgem teorias. Portanto, o empirismo possibilita a origem de teorias. Baseado em seu pensamento, afirmamos que a Análise de Conjuntura é conteudística.

do exercício da Análise de Conjuntura. Portanto, ela não é simplesmente o relato de um evento, mas representa a interpretação de eventos e do conjunto deles num instante e em dada trajetória.³

As Ciências Sociais, em particular, a Ciência Política, têm o objetivo de interpretar eventos sociais, os quais surgem da ação dos atores.⁴ Tal afirmação estrutura-se na sociologia da ação, porque, para esta, os eventos sociais surgem das ações dos indivíduos, as quais têm sentidos (BOUDON, 1995).⁵

Desse modo, a Análise de Conjuntura é um instrumento metodológico da Ciência Política, que serve para interpretar os eventos, os quais surgem da ação dos atores em específicos contextos.⁶ Os contextos não são estanques, são dinâmicos em virtude dos eventos que surgem, findam ou se reproduzem. É, portanto, uma análise intemporal, apesar de ter como objetivo principal a interpretação das realidades sociais em dados instantes. Porém, a Análise de Conjuntura, ao decifrar e interpretar uma dada realidade, já tem pressa/necessidade de prognosticar e interpretar outras realidades que surgirão.

A premissa teórica básica da Atividade da Análise de Conjuntura é baseada no neoinstitucionalismo, qual seja: os indivíduos estão numa trajetória, em que nesta adquirem visões de mundo⁷, formam preferências,

³ Essa afirmação baseia-se na seguinte premissa básica do institucionalismo histórico: os indivíduos estão numa trajetória, em que nela interagem com outros indivíduos e instituições, formam preferências e fazem escolhas (PETERS, 2003)

⁴ “A noção de compreensão indica, portanto, que é possível, através da verificação de fatos, descobrir o porquê do comportamento do ator. Este porquê pode assumir, naturalmente, formas muito diversas: a de uma paixão, por exemplo, ou de uma emoção (fulano fez isso por amor, por cólera, etc.), e é evidente que os comportamentos desse tipo desempenham um papel importante na explicação histórica.” (BOUDON, 1995, p. 41).

⁵ “O primeiro princípio fundamental da sociologia da ação consiste em levar a sério o fato de que todo fenômeno social, qualquer que seja, é sempre o resultado de ações, de atitudes, de convicções, e em geral de comportamentos individuais. O segundo princípio, que completa o primeiro, afirma que o sociólogo que pretende explicar um fenômeno social deve procurar o sentido dos comportamentos individuais quem estão em sua origem.” (BOUDON, 1995, p. 28).

⁶ As Ciências Sociais, inclusa a Ciência Política, têm o objetivo de identificar leis explicativas para os eventos sociais (ELSTER, 2006; GIDDENS; TUNNER; 1999; VAN EVERA, 1997). Esses eventos surgem em virtude das instituições e das ações dos indivíduos. Portanto, para a Ciência Política, instituições e indivíduos criam eventos sociais.

⁷ Visões de mundo são os valores, crenças, emoções e sentimentos dos indivíduos (AOKI, 2007; HALL; TAYLOR, 2003; LE BRETON, 2009)

fazem escolhas e tomam decisões. Sua atividade ocorre num espaço temporal (instantes) da trajetória e ela permite o ato de vislumbrar o comportamento dos atores em outros instantes temporais (PETERS, 2003; HALL, TAYLOR, 2003; AOKI, 2007).

Este artigo tem o objetivo inicial de conceituar a Análise de Conjuntura e mostrar, através de exemplos, como ela ocorre diante da realidade social. Na segunda parte do artigo, evidencia-se a formulação de construção de cenários, uma vez que estes fazem parte de sua atividade – prognósticos. Conclui-se apresentando os indicadores que permitem a Análise de Conjuntura e mostrando que ela é instrumento da Ciência Política.

É um problema de investigação teórica e empírica identificar as demandas epistemológicas das Ciências Sociais (MARTINS, 2010). Sendo assim, este artigo tem o objetivo de mostrar que a Análise de Conjuntura faz parte do arcabouço de demandas epistemológicas das Ciências Sociais, em particular, da Ciência Política.

O conceito da Análise de Conjuntura e seu exercício

O ator A diante da circunstância X fará qual escolha? O ator B, presente na arena legislativa, cooperará ou romperá com o presidente da República? Os incentivos presentes na arena institucional possibilitarão que ação do presidente da República? Os atores A e B cooperarão com vista às decisões futuras? O ator B inibiu a ação de A em virtude de que este se aliará a D no futuro na competição eleitoral? Os eleitores tendem a fazer determinada escolha em virtude das circunstâncias/condições Y? Esses são exemplos de indagações presentes no exercício da Análise de Conjuntura.

As respostas às perguntas apresentadas corresponde ao exercício científico de identificar, interpretar e prognosticar o comportamento dos

atores nas arenas institucional e eleitoral num dado espaço temporal e em espaços temporais futuros.

No exercício da Análise de Conjuntura, as circunstâncias/condições devem ser consideradas. Elas representam a ação de uma instituição, em que esta sugere incentivos e normas que podem limitar ou proporcionar a escolha do ator num dado instante. A circunstância também representa um ambiente social amorfo institucionalmente, isto é, instituições não estão presentes ou não interferem na escolha do ator. Nesse caso, o ambiente social, onde estão presentes normas sociais, orientam a escolha do ator. Independentemente da presença ou não da instituição, a visão de mundo, que possibilitou a formação da sua preferência, norteia as escolhas dos atores.

No exercício da Análise de Conjuntura, podem-se encontrar os seguintes exemplos:

1. O Parlamento representa a arena institucional. Nesta arena, os atores estão na iminência de votar Projeto de Lei do presidente da República. Incentivos, dos mais variados, são ofertados pelo presidente da República aos atores, inclusive ao ator B. Então, qual será a resposta dos atores? O ator B, em razão de alguma insatisfação, mesmo fazendo parte da coalizão partidária do presidente da República, tem duas opções de escolha: i) aprovar o Projeto de Lei; ii) não aprovar o Projeto de Lei. A suposta pressão da opinião pública (circunstância) o incentiva a preferir a alternativa 2, mas os incentivos ofertados pelo presidente da República os proporcionam fortemente, após a avaliação de custos, a optar pela alternativa 1. É possível prognosticar que as visões de mundo do ator B correspondam à tradição de votar de acordo com o presidente em virtude dos incentivos ofertados. Diante disso, o ator B considera ação estratégica aceitar os incentivos ofertados pelo Poder Executivo.

2. Diante dos interesses advindos da futura eleição presidencial, os atores A e B estão na iminência de construírem uma aliança política –

cooperarem. Porém, a reputação do ator A inibe tal aliança. Por outro lado, a aliança entre eles possibilitará oportunidades eleitorais no futuro, por exemplo, o aumento do tempo de televisão na propaganda eleitoral e a possibilidade de sucesso eleitoral para ambos. Além disso, a aliança entre A e B inibem a cooperação de A com D. Então, ambos os atores, A e B, podem vir a cooperar, e essa é a estratégia dominante do ator B.

3. Numa disputa eleitoral, os eleitores têm a opção de escolher entre três candidatos: o candidato Joaquim, o candidato Fagundes e o candidato Elísio. Pesquisas qualitativas e quantitativas revelam que as circunstâncias são mais favoráveis ao candidato Joaquim, pois os eleitores mostram apreço pela sua história de vida e imagem, e porque Fagundes, candidato à reeleição, tem administração aprovada por 30% dos eleitores. Contudo, pesquisas também indicam que os eleitores desconfiam de Joaquim em virtude de ele não ter experiência administrativa. Embora Fagundes não tenha um governo aprovado majoritariamente pelos eleitores, ele tem experiência administrativa. Nesse caso, os eleitores poderão escolher entre:

- candidato Joaquim: história de vida, boa imagem e inexperiência administrativa;
- candidato Fagundes: experiência administrativa, gestão não aprovada majoritariamente.

Os exemplos mostrados, mesmo carecendo de uma caracterização da conjuntura, são hipotéticos e servem apenas para evidenciar simploriamente o exercício da Análise de Conjuntura. Se a conjuntura é a análise do comportamento dos atores num dado espaço temporal, as ações, as preferências e as possíveis consequências das escolhas dos atores devem ser narradas. Na narração, suposições causais são apresentadas. Portanto, na Análise de Conjuntura, o intervalo temporal requer caracterização.

Eventos fortuitos, não previsíveis, podem atuar na conjuntura; e se isso ocorrer, as ações dos atores, antes decifradas ou momentaneamente

caracterizadas, poderão ser modificadas. Os eventos não previsíveis são cisnes negros, os quais representam uma ação institucional ou um evento social não previsível que venha a interferir na formação da preferência dos atores e nas suas escolhas (TALEB, 2009; MLODINOW, 2011).

A Análise de Conjuntura e a Construção de Cenários

A construção de cenários não significa o ato de adivinhar os acontecimentos, mas sim o ato de mostrar as possibilidades do que pode vir a ocorrer em outros instantes (MARCIAL, GRUMBACH, 2008). A construção de cenários caminha com o ato de prognosticar. Desse modo, cenários representam as possibilidades da ocorrência de determinados eventos no futuro com base em variadas informações advindas do passado e do presente (SOUZA, LAMOUNIER, 2006).

As possibilidades de certos eventos ocorrerem fazem parte do exercício da Análise de Conjuntura. Inerente às possibilidades, estão as incertezas (acasos), ou melhor, os cisnes negros que poderão surgir no decorrer da trajetória. As possibilidades não são únicas, já que elas consideram as incertezas, e em razão disso, surgem variados cenários (MLODINOW, 2011).

Giambiagi e Porto (2011) mostram quatro possibilidades de cenários ocorrerem no âmbito da economia brasileira, com as quais eles trabalham: 1) a economia brasileira retorna aos anos 1970; 2) a economia brasileira adota o capitalismo chinês; 3) um choque de capitalismo ortodoxo; e 4) um novo recolhimento econômico.

Os cenários apresentados por Giambiagi e Porto (2011) surgem do exercício da Análise de Conjuntura que se resume à seguinte pergunta: qual é a situação da economia brasileira hoje e quais as possibilidades de como ela ficará? Tal pergunta pode ser feita com o objetivo de decifrar os contexto econômico e o político, e para a construção de cenários. Por exemplo: os

atores devem optar pelas opções 1 ou 2? Quais serão as consequências das respectivas escolhas? Essas indagações possibilitam a construção de cenários.

Na Análise de Conjuntura, é adequado o exercício das possibilidades. Com isso, é possível construir cenários, mas as possibilidades, como já frisado, nascem de uma determinada conjuntura. Por exemplo:

1- Quatro partidos – X, Y, Z e V – negociam com o presidente da República a aprovação do Projeto de Lei n.º 520. Os partidos X e Y têm conjuntamente o maior número de deputados – X tem 100 parlamentares e Y 90. O partido Z tem 50 adeptos e a agremiação partidária V, 30. O Poder Executivo negocia a cooperação com todos os partidos, mas não tem incentivos suficientes para distribuir para o todo. Portanto, os cenários quanto à aprovação ou não do Projeto de Lei são variados diante das seguintes possibilidades:

- É possível que o partido X coopere com Y e assim a matéria seja aprovada no Parlamento. No entanto, os partidos Z e V não cooperam.
- É possível que X não coopere com Y em razão da ausência de incentivos advindos do presidente da República. As agremiações partidárias Y e V também não cooperam.
- É possível que X e Z cooperem; mas é possível que Y e V não cooperem por conta de incentivos que não foram ofertados a esses dois partidos por parte do Poder Executivo.
- É possível X, Z, Y cooperarem.
- Diante das quatro possibilidades apresentadas, quatro cenários podem vir a ser construídos:
- Cenário 1– Projeto de Lei aprovado pelo Parlamento, pois X e Y cooperam. Então, o projeto foi aprovado por ampla maioria.
- Cenário 2– Projeto de Lei não é aprovado no Parlamento.

- Cenário 3– Projeto de Lei é aprovado no Parlamento, mas por pequena vantagem.
- Cenário 4– Projeto de Lei é aprovado no parlamento por larga vantagem.

Os cenários 1 e 4 são os cenários ótimos para o presidente da República em virtude de que ele manterá sua coalizão partidária no Parlamento e detém o controle dos parlamentares.⁸ O cenário 3 é o subótimo, uma vez que a coalizão partidária do presidente apresenta-se fragilizada; e o cenário 2 é o péssimo, porque o presidente sofreu derrota, e com isso, evidenciou a ausência da coalizão partidária na arena legislativa.⁹

Considerando a arena eleitoral, ofertamos o seguinte exemplo:

1- O Partido do Povo (PP), conforme determina a legislação eleitoral, tem direito a quatro minutos de propaganda eleitoral gratuita na televisão durante o período eleitoral. O Partido Jovem (PJ), ao contrário do PP, tem candidato a presidente da República e só tem dois minutos de propaganda eleitoral gratuita. O PJ deseja se aliar ao PP, e a recíproca também é observada; mas o PP tem candidato ao governo do Rio de Janeiro e o PJ também. Diante dessa conjuntura, três possibilidades existem:

- O PP se alia ao PJ em troca do apoio deste na eleição para o governo do Estado.
- O PP se alia ao PJ independentemente da aliança no âmbito estadual.
- O PP não se alia ao PJ, pois este não deseja apoiá-lo na eleição estadual.

⁸Uma das técnicas das ciências sociais que estuda as escolhas dos atores, ou melhor, o processo de decisão estratégica, é chamado de teoria dos jogos. Pela Teoria dos Jogos, é possível compreender e prognosticar as decisões dos atores (DIXIT; NALEBUFF, 1993; FIANI, 2004; MESQUITA, 2010). As escolhas dos atores podem ser ótimas, subótimas ou péssimas. Nesse caso, os atores, munidos de informações ou não, e possivelmente cientes ou não das consequências das suas escolhas (incerteza), definem que escolha fazer diante de variadas possibilidades e preferências (ELSTER, 2006).

⁹ “Em geral, um jogador tem uma estratégia dominante quando tem um curso de ação cujo resultado supera todos os outros independentemente do que fazem os outros jogadores. Se um jogador tem uma estratégia com este atributo, sua decisão torna-se muito simples; ele pode escolher a estratégia dominante sem se preocupar com os movimentos do rival. Portanto, a primeira coisa que se deve procurar é uma estratégia dominante.” (DIXIT; NALEBUFF, 1994, p. 59). A estratégia dominante do presidente da República deve ser a de construir condições para que os cenários 1 e 4 se consolidem.

- Essas três possibilidades sugerem três cenários para o PJ:
 - Cenário 1 – o candidato a presidente da República pelo PJ disputa eleição fortalecido, em virtude do apoio do PP, mas tende a perder espaço eleitoral no Rio de Janeiro em razão do apoio ao candidato a governador do PP.
 - Cenário 2 – o PJ se fortalece nos âmbitos nacional e estadual. Neste último, o PJ lança candidato ao governo do Estado.
 - Cenário 3 – o PJ não consegue fortalecer seu projeto nacional.

O cenário 2 é para o PJ ótimo, pois ele conquista um aliado e não concede nada em troca, isto é: o PJ conquista benefícios, mas não tem custos. O cenário 3 é o péssimo, pois o PJ tem como objetivo principal o projeto presidencial; e o cenário 1 é o subótimo, porque o PJ terá de dividir espaço eleitoral no estado em razão do apoio recebido na esfera nacional.

Os cenários construídos com base nas possibilidades podem vir a guiar a ação dos atores. São eles que conduzem os atores a definirem suas estratégias dominantes e qual o comportamento estratégico em dadas circunstâncias.¹⁰ Desse modo, a Análise de Conjuntura utiliza a construção de cenários como instrumento que sugerem prognósticos quanto ao comportamento futuro dos atores.

Conclusão

O exercício da Análise de Conjuntura tem forte dependência da criatividade do analista. Inicialmente, o conjunturista precisa escolher o que vai analisar, em seguida, construir argumentação inteligível com o objetivo de interpretar e prognosticar o comportamento dos atores. A análise não é

¹⁰“Por comportamento estratégico entende-se que cada jogador, ao tomar a sua própria decisão, leva em consideração o fato de que os jogadores interagem entre si, e que, portanto, sua decisão terá consequências sobre os demais jogadores, assim como as decisões dos outros jogadores terão consequências sobre ele.” (FIANI, 2004, p. 4).

simplesmente o ato de relatar um evento. Relações de causalidade que decifrem as preferências e escolhas dos atores são requeridas.

Os argumentos apresentados evidenciam que o exercício da Análise de Conjuntura se detém ao comportamento dos atores no contexto. Nesse caso, a ação dos atores é um indicador que está presente no contexto social que possibilita a Análise de Conjuntura. Porém, economistas, que costumeiramente desenvolvem Análise de Conjuntura econômica, utilizam variados indicadores – PIB, Taxa de inflação, Renda – para interpretar a realidade, por conseguinte, para a construção de cenários (FEIJÓ *et al*, 2009).

Diante dos indicadores econômicos, perguntamos: quais os indicadores “políticos” que podem permitir a Análise de Conjuntura? Esclarecemos que a Análise de Conjuntura no âmbito da Ciência Política não deve desprezar os indicadores econômicos, pois estes influenciam o comportamento dos atores, em particular, na arena eleitoral. São variados estudos eleitorais que mostram que o bem-estar econômico importa para explicar a escolha do eleitor, por exemplo (CARREIRÃO, 2009; PEIXOTO, RENNÓ, 2011).

Na arena legislativa, é possível encontrar na literatura especializada o indicador coalizão partidária. Esse amplo (macro) indicador tem o objetivo de mostrar se presidentes da República conseguiram formar coalizões. O indicador coalizão partidária forma-se pelo número de partidos que compõe a coalizão. Com o auxílio desse indicador, é possível decifrar e prognosticar o comportamento dos parlamentares num dado instante. (FIGUEIREDO, LIMONGI, 2008; SANTOS, 2007).

A arena eleitoral também tem indicadores. Pesquisa de opinião é exemplo de indicador eleitoral. O desempenho do candidato entre os eleitores, a confiança dos eleitores nos gestores, por exemplo, presidentes da República, e a aprovação da administração do competidor são exemplos de

indicadores. Por meio deles, além de outros, a conjuntura eleitoral pode ser decifrada (LAVAREDA, 2009; OLIVEIRA, ROMÃO, GADELHA, 2012).

A Análise de Conjuntura é instrumento metodológico. O exercício da Análise de Conjuntura não despreza as teorias e utiliza metodologias diversas, como a Teoria dos Jogos e *survey* para ser realizada.¹¹ A Análise de Conjuntura é uma atividade do cientista político em virtude de que ela busca, num dado instante no tempo, compreender e prognosticar o comportamento dos atores em variadas arenas, dentre elas, a arena institucional.

Referências

- AOKI, Masahiko. Endogenizing institutions and institutional changes. *Journal of Institutional Economics*, Cambridge, v.3, n.1, p.1-31, 2007.
- BOUDON, Raymond (Dir.). *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995
- CARREIRÃO, Yan. La elección presidencial brasileña de 2006: voto económico e clivajes sociales. In: BRAUN, Maria; STRAW, Cecília (Org.). *Opinion Pública: una mirada desde América Latina*. Buenos Aires: Planeta, 2009.
- CRUZ, Sebastião. Teoria e método na análise de conjuntura. *Educação e Sociedade*, ano 21, n. 72, ago. 2000.
- DIXIT, Avinash K.; NALEBUFF, Barry. *Thinking strategically: the competitive edge in business, politics, and everyday life*. New York: Norton Paperback, 1993.
- ELSTER, Jon. *El cambio tecnológico: investigaciones sobre la racionalidad y la transformación social*. Traducción Margarita Mizraji. Barcelona: Gedisa, 2006.
- FEIJÓ, Carmem Aparecida et. al. *Para entender a conjuntura econômica*. Barueri (SP): Manole, 2011.
- FIANI, Ronaldo. *Teoria dos jogos: para cursos de administração e matemática*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- FIGUEIREDO, Argelina Cheibub; LIMONGI, Fernando. *Política orçamentária no presidencialismo de coalizão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008.
- GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria social hoje*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Unesp, 1999.
- GUSMÃO, Luís de. *O feticismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.
- HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. R. As três versões do neo-institucionalismo. *Revista Lua Nova*, n. 58, p. 193-223, 2003.
- KING, Gary; SCHLOZMAN, Kay Lehman; NORMAN, H. Nie. *The future of political science: 100 perspectives*. New York: Routledge, 2009.
- LAVAREDA, Antonio. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹¹Um dos instrumentos das ciências sociais que estuda as escolhas dos atores, ou melhor, o processo de decisão estratégica, é chamado de teoria dos jogos. Pela Teoria dos Jogos, é possível compreender e prognosticar as decisões dos atores (DIXIT; NALEBUFF, 1993; FIANI, 2004; MESQUITA, 2010).

- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LESSA, Renato. O campo da ciência política no Brasil: uma aproximação construtivista. In: MARTINS, Carlos Benedito; LESSA, Renato (Coord.). *Ciência política*. São Paulo: Anpocs, 2010. (Coleção Horizontes das Ciências Sociais no Brasil).
- MARCIAL, E.C.; GRUMBACH, R.J.S. *Cenários prospectivos: como construir um futuro melhor*. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- MARTINS, Carlos Benedito; LESSA, Renato (Coord.). *Ciência política*. São Paulo: Anpocs, 2010. (Coleção Horizontes das Ciências Sociais no Brasil).
- MESQUITA, Bruce Bueno. *The predictioneer's game: using the logico of brazen self-interest to see and shape the future*. New York: Random House Trade Paperbacks, 2010.
- MLODINOW, Leonard. *O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas*. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- OLIVEIRA, Adriano; ROMÃO, Maurício Costa; GADELHA, Carlos. *Eleições e pesquisas eleitorais: desvendando a caixa-preta*. Curitiba: Juruá, 2012.
- PEIXOTO, Vítor; RENNO, Lúcio R. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. *Opinião Pública*, v. 17, n.2, p. 304-332, 2011.
- PETERS, B. Guy. *El nuevo institucionalismo: teoria institucional en Ciencia Política*. Tradução de Verônica Tirotta. Barcelona: Gedisa, 2003.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos Santos. *Governabilidade e democracia natural*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.
- SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolívar. O futuro da democracia: cenários político-institucionais até 2022. *Estudos Avançados*, v. 56, n. 20, p. 43-60, 2006.
- TALEB, Nassim Nicholas. *A lógica do cisne negro: o impacto do altamente improvável*. Tradução de Marcelo Schild. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.
- VAN EVERA, Stephen. *Guide to methods for students of political science*. New York: Cornell Paperbacks, 1997.